

Os bons sinais que a economia consegue emitir

Entre tantos fatos que vêm marcando o agravamento da crise brasileira, a economia real, aquela que produz riquezas e promove a melhora das condições de vida dos brasileiros, continua a reagir e a gerar informações alentadoras. Apesar das previsões pessimistas para a inflação deste mês, da falência do setor público, da incapacidade de um governo em final de mandato, da exclusão do Brasil dos programas de redução da dívida externa (cujos compromissos já não estão sendo honrados), as exportações vão bem.

Em junho, a balança comercial brasileira foi responsável pela quebra de quatro recordes históricos. O mais expressivo deles é o superávit de US\$ 2,205 bilhões, o maior de toda a história, superando em mais de US\$ 100 milhões o recorde anterior, de US\$ 2,084 bilhões, em agosto do ano passado. Também o total exportado no mês passado, de US\$ 3,687 bilhões, é o maior da história. No acumulado do primeiro semestre, tanto o saldo (US\$ 9,212 bilhões) como o total exportado (US\$ 16,784 bilhões) são igualmente recordes.

Até a divulgação desses números, antecentem, não havia razões para se alimentar otimismo com relação ao desempenho da balança comercial. Nos cinco primeiros meses do ano, o saldo atingiu a média de US\$ 1,404 bilhão, inferior à média de US\$ 1,590 bilhão registrada no ano passado. Pior do que isso, entretanto, era a impressão de que nos meses de abril e maio consolidava-se uma tendência ao declínio, como a que se verificou alguns meses após o anúncio do Plano Cruzado e acabou servindo de justificativa para a moratória anunciada em fevereiro de 1987. Combinado com as dificuldades enfrentadas pelo governo junto aos credores internacionais por causa do impasse a que chegou com o Fundo Monetário International (FMI), o declínio, se confirmado, poderia provocar o colapso total das contas externas. Os números que acabam de ser divulgados mostram que, pelo menos do lado do desempenho da balança comercial, esse risco é muito menor.

O bom resultado de junho deve-se ao grande crescimento das exportações (com um salto de 30% em relação ao desempenho de maio), especialmente por causa do aumento das vendas externas de produtos siderúrgicos, material de transporte e do complexo soja (grão, farelo e óleo), de acordo com os registros da Cacex.

Há três aspectos ressaltados pelo diretor da Cacex, Namir Salek, que justificam algum otimismo com relação ao futuro, não apenas no que se refere à balança comercial, mas também à economia em geral. Em primeiro lugar, Salek diz que o desempenho de junho ainda não reflete as medidas adotadas pelo governo na área cambial, especialmente a mididesvalorização de 11,98%. Como se recorda, essas medidas foram anunciadas no dia 30 de junho e passaram a vigorar no último dia 3; seus efeitos, portanto, serão sentidos agora em julho e nos meses seguintes, para os quais Salek prevê bons resultados na balança comercial.

Outro aspecto destacado pelo diretor da Cacex refere-se às importações. Elas cresceram no mês passado, tanto em relação a maio quanto em relação a junho de 1988, atingindo US\$ 1,482 bilhão, o nível mais alto desde dezembro de 1986. Ao contrário daquele período, quando se atingia o auge do processo de importação de bens de consumo destinados ao mercado interno desabastecido em consequência do Plano Cruzado, o aumento das importações em junho deve-se em parte à compra de máquinas e equipamentos que vão ampliar a capacidade de produção da indústria brasileira. O aumento das importações ainda é pequeno (em 1979, por exemplo, a média mensal das importações brasileiras foi de US\$ 1,919 bilhão, quase meio bilhão acima do número de junho último), mas mostra que ainda há muito espaço para se ampliar. O tipo de bens que estão sendo importados demonstra, como diz Salek, a confiança do empresariado na economia do país.

São muitas, de fato, as possibilidades que o Brasil tem para retomar o desenvolvimento. Apesar do risco de ser sufocado pelas dimensões da crise do Estado brasileiro, o imenso potencial de progresso consegue revelar-se em diferentes momentos e em diferentes setores da economia, como ocorre agora com a balança comercial. É esse potencial que, felizmente, nos diferencia da situação da Argentina, cujo tecido econômico foi lenta e persistentemente corroído pelo populismo e pela incompetência política.

Em matéria de populismo e de incompetência, no entanto, somos iguais aos argentinos, ao lado dos quais somos colocados pelos principais dirigentes mundiais, como ocorreu recentemente na reunião dos dirigentes dos sete países mais desenvolvidos do Ocidente. É também essa incompetência governamental que justifica opiniões como a da primeira-ministra britânica Margaret Thatcher, de que há uma "grande bagunça" nas políticas de determinados países latino-americanos.

Lamentavelmente, a imagem que o Brasil passa para os demais países é a imagem de seu governo, falido porém perdulário, impotente diante da crise, porém ameaçador nas declarações ao público externo, incompetente, porém intervencionista. A economia brasileira, entretanto, é totalmente diversa do governo e, quando consegue fugir deste, vai bem, caminha por si só. Se o país tivesse um bom governo, ou menos governo, por certo superaria rapidamente a crise atual.